



**III CONGRESSO IBERO-AMERICANO
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
BELÉM – PARÁ – BRASIL
04 a 07 de novembro de 2015
ISSN 978-85-89097-68-0**

AS NOTAS DE RODAPÉ DA COLEÇÃO MATEMÁTICA – 2º CICLO

Bruno Alves Dassie¹⁶⁶

RESUMO

Este texto tem por objetivo apresentar uma interpretação elaborada a partir da leitura das notas de rodapé da coleção *Matemática – 2º ciclo* de autoria de Euclides de Medeiros Guimarães Roxo, Cesar Dacorso Netto, Haroldo Lisbôa da Cunha e Roberto Peixoto, publicada pela Livraria Francisco Alves no início da década de 1940 no Rio de Janeiro. Apresentamos brevemente o contexto de produção desta coleção, destinada ao segundo ciclo do ensino secundário implantado pela reforma Gustavo Capanema em 1942, em particular questões relacionadas ao mercado editorial. Considera-se nesse artigo, como recurso analítico, o conceito de *paratexto editorial*. Este texto mostra os significados que podem ser atribuídos às notas de rodapé, considerando a coleção como unidade e a particularidade desta obra em relação à autoria declarada individual de cada uma de suas partes. Assim, foi possível um olhar sobre os textos das notas para determinar uma tipologia geral e, por outro lado, uma análise das características desses aditivos a partir de cada um dos autores responsáveis pela sua inserção.

Palavras-chave: Notas de rodapé. Coleção *Matemática – 2º ciclo*. Paratexto editorial.

INTRODUÇÃO

Elementos paratextuais (Genette, 2009) vêm sendo utilizados como recurso analítico (Andrade, 2012) em investigações que envolvem textos didáticos. Podemos citar, por exemplo, além de Andrade (2012), as pesquisas Dassie (2011), Silva (2013) e Montoito (2013). Em particular, as notas de rodapé como elemento *paratextual* são

¹⁶⁶ Docente da Universidade Federal Fluminense – UFF. E-mail: badassie@gmail.com.

exploradas em análises de livros didáticos. Gomes (2008), no artigo *História da matemática e positivismo nos livros didáticos de Aarão Reis*, relata que

O leitor que folhear, mesmo que rapidamente, os três livros didáticos de matemática escritos por Aarão Reis [...] terá logo sua atenção chamada para o grande número de notas de rodapé neles presentes. Essas notas são dedicadas, sobretudo, a focalizar aspectos históricos referentes aos conteúdos que são abordados no texto principal, e são constituídas, na maior parte das vezes, de sínteses biográficas de autores que contribuíram para o desenvolvimento histórico do tema que está sendo tratado, seja em relação ao enfoque epistemológico, seja em relação à introdução das notações matemáticas que vão sendo gradativamente apresentadas ao leitor. (Gomes, 2008, p. 74)

Dassie e Baptista (2014), analisam o *sistema de notas* produzido por Jácomo Stávale, na especificidade do professor como leitor do texto. Para eles,

É importante compreender que as recomendações que compõem o sistema de notas proposto por Stávale estão correlacionadas e demonstram uma intenção clara do autor em transmitir uma mensagem aos professores. Não são elementos dispersos ou apenas pontuais [...]. Isso se verifica também pela quantidade de notas disseminadas ao longo das duas coleções analisadas. São cerca de setecentas recomendações distribuídas pelas páginas dos nove volumes (cinco da coleção *Mathematica* e quatro da coleção *Elementos de Matemática*), formando uma relação aproximada de uma orientação a cada quatro páginas. (Dassie & Baptista, 2014, p. 91)

Observa-se nestes trabalhos, que “cada [nota de rodapé] possui uma relação orgânica com a comunidade histórica particular no qual foi gerada [...] (Grafton, 1994, p. 22). Assim, neste texto propomos a apresentação de uma análise particular elaborada a partir da leitura e interpretação das notas de rodapé da coleção *Matemática – 2º ciclo* de Euclides Roxo, César Dacorso Netto, Roberto Peixoto e Haroldo Lisbôa da Cunha, publicada no início da década de 1940 pela Livraria Francisco Alves¹⁶⁷.

A COLEÇÃO MATEMÁTICA – 2º CICLO DOS QUATRO AUTORES

Após a promulgação da reforma Campos (1932) e, posteriormente da reforma Capanema (1942), diversos autores se aventuraram na escrita de livros didáticos de

¹⁶⁷ Em particular, este texto faz parte de resultados do projeto de pesquisa *Paratextos editoriais e livros didáticos de matemática: uma análise de suas funções*, financiado pela *Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ*.

matemática para o curso secundário¹⁶⁸. A partir deste momento passamos a ter, em larga escala, a publicação de livros de matemática destinados ao ensino secundário, o que proporcionou diversidade de ideias e princípios na elaboração dessas obras, quando comparados com as propostas oficiais.

Observa-se também, neste período que envolve tais reformas, uma ampliação do mercado editorial. Com efeito, no período entre 1938 e 1943, em termos relativos, os livros didáticos já ocupavam o segundo lugar na produção de livros no país, considerando os diversos gêneros, como mostram as tabelas a seguir:

Tabela 1 - A produção de livros segundo o gênero e as editoras (1938-43)
Informações extraídas de Miceli (2001, p. 152-153)

Empreendimentos editoriais/Gêneros (9122 obras)	Seis maiores editoras (%)	Conjuntos das pequenas gráficas (%)	Conjunto das seis editoras de grande porte (%)	Conjunto das seis editoras de porte médio (%)	Conjunto das pequenas editoras (%)	Conjunto das editoras religiosas (%)	Edições financiadas pela grande imprensa (%)	Edições financiadas pelo Estado (%)	Edições financiadas pelos autores (%)	Conjunto
Ficção (1527 obras)	23,0	9,7	20,0	17,0	20,0	11,0	11,0	1,3	3,5	17,0
Didáticos (1240 obras)	22,0	8,5	11,5	16,0	5,7	5,0	4,5	3,5	4,5	14,0

Tabela 2 - A produção das maiores editoras segundo o gênero (1938-1943)
Informações extraídas de Miceli (2001, p. 152-153)

Seis maiores editoras/Gêneros (3239 de obras)	Companhia Editora Nacional/Civilização Brasileira (São Paulo/Rio de Janeiro) (%)	Editora Globo (Porto Alegre) (%)	Editora José Olympio (Rio de Janeiro) (%)	Editora Irmãos Pongetti (Rio de Janeiro) (%)	Editora Francisco Alves (Rio de Janeiro) (%)	Editora Melhoramentos (São Paulo) (%)	Conjunto das seis maiores editoras (%)
Ficção (748 obras)	22,0	36,0	33,5	28,0	2,5	7,0	23,0
Didáticos (702 obras)	26,0	11,0	1,5	4,0	65,0	28,0	22,0

¹⁶⁸ É possível citar, por exemplo, Agrícola Algacyr Munhoz Maeder, Ary Quintella, Bethlem, C. Calioli, Cesar Dacorso Netto, Fernando Vasconcelos, Fernando Tinoco, Haroldo Lisbôa da Cunha, Isidoro Dumont, Jacomo Stávale, Léo Bonfim, Miguel Milano, Nicanor Lemgruber, Roberto Peixoto e Thales Mello Carvalho.

Como relatado por Micelli (2001),

As transformações do panorama editorial se devem, de outro lado [além da produção de literatura de ficção], às mudanças por que passava o sistema de ensino. A abertura das primeiras faculdades de educação, de filosofia, ciências e letras, a criação de novos cursos superiores, a reforma dos currículos, com a introdução de disciplinas recém-consolidadas, os impulsos que recebeu o ensino técnico e profissionalizante, decerto moldaram o ritmo e as feições que assumiu o surto editorial. A farta produção de obras pedagógicas acompanhou de perto os lances do enfrentamento entre as diversas correntes de educadores profissionais que buscavam firmar suas posições diante das reformas empreendidas pelo Estado. (Micelli, 2001, p. 155)

Em particular, a partir da reforma Capanema tem-se a produção de dois tipos de coleções, pois foi necessário atender o primeiro ciclo, com seriação de quatro anos, e o segundo, de três anos. A maioria dos autores envolvidos com a confecção de livros referentes aos programas da reforma Campo, com distribuição em cinco anos, dedicou-se a escrita de coleções para o primeiro ciclo devido à facilidade no processo de adaptação das obras. Poucos são os autores que se dedicaram ao 2º ciclo. Com efeito, apesar do avanço editorial e os possíveis ajustes nas coleções, a promulgação da reforma Capanema ocasionou consequências neste mercado. Podemos citar ao menos dois relatos. Um deles referente à editora da Livraria do Globo, de Porto Alegre.

[...] em 1942, quando a seção editora da Livraria do Globo havia chegado ao auge de sua capacidade de publicação de livros nas suas diversas linhas editoriais, a empresa foi brutalmente atingida pela reforma de ensino orquestrada pelo ministro da Educação, Gustavo Capanema. Naquele ano, as edições didáticas da Livraria do Globo já estavam adotadas em todo o Brasil. Como editora de livros didáticos, a empresa já havia suplantado a Editora Nacional, mas situada no Sul, longo dos “subterrâneos” do MEC na avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, não fazia a menor ideia de que uma reforma no ensino estava em andamento. E, como reformas feitas por um governo ditatorial não são discutidas com a ampla participação dos diversos segmentos interessados, poucas pessoas tinham conhecimento do que estava por acontecer, entre elas alguns editores de livros didáticos do eixo Rio-São Paulo. Quando a reforma foi anunciada, no início do ano, quase cinquenta toneladas de livros didáticos da Globo, recém-impresos e prontos para ser espalhados pelo Brasil, se tornaram obsoletos da noite para o dia, sem condições de ser adotados. Foram transformados em aparas, sucateados, vendidos como papel velho. Por muitos anos a empresa sofreu com os prejuízos advindos da Reforma Capanema. (Bertaso, 2012, p. 35).

Outro registro localiza-se no jornal *A cruz*, em 3 de maio de 1942, no texto denominado *O problema do livro didático: complicações que surgem*. Vejamos:

A recente reforma do ensino está sendo muito bem recebida. A opinião geral é de que ela vem consultar muito bem os interesses do nosso povinho miúdo. Mas também veio apresentar alguns problemas de difícil solução. Por exemplo: Há professores que vão ficar desempregados em virtude da supressão das matérias de sua especialidade. Há livrarias escolares que têm um “stock” de milhares de livros didáticos que não podem ser adaptados à reforma. Esses livros ficarão encalhados. O prejuízo não levará à falência muitos livreiros?

Finalmente, e este é o ponto mais grave: faz-se mister preparar compêndios novos, adaptados às exigências da reforma. Com que tempo, para a urgência? Haverá bastante rigor e critério na aprovação desses compêndios, pelo menos um rigor e um critério que estejam em relação com as excelências da reforma?

De acordo com nosso objetivo, temos que a coleção iniciada por Cecil Thiré e Mello e Souza, publicada a partir de 1931, passa a ser denominada, após a reforma Campos, de *Curso de Mathematica* e Euclides Roxo passa a coautor. Após a reforma Capanema, esta coleção passa a atender somente o primeiro ciclo e o título é alterado para *Matemática Ginásial*. Para o segundo ciclo, Euclides Roxo, Cesar Dacorso Netto, Haroldo Lisbôa da Cunha e Roberto Peixoto produzem a coleção denominada *Matemática – 2º ciclo*, com primeiro volume publicado em 1943 ou 1944¹⁶⁹.

É necessário destacar que Euclides Roxo, além de estar envolvido com a Comissão Nacional do Livro Didático criada em 1938, esteve diretamente ligado à confecção dos programas de ensino e as respectivas instruções metodológicas da reforma Capanema (Dassie, 2001). Tem-se, portanto, que os problemas enfrentados por alguns editores, como relatado acima, certamente não afetaram o lançamento da coleção *Matemática – 2º ciclo* dos quatro autores, dentre eles Euclides Roxo.

A ESTRUTURA DAS NOTAS DE RODAPÉ

A coleção *Matemática – 2º Ciclo* dos quatro autores possui uma estrutura textual bem delimitada. Os livros se dividem por três partes, somando nove partes ao total da coleção. Cada uma dessas está dividida em unidades. O livro do primeiro ano é dividido

¹⁶⁹ Não localizamos a primeira edição do primeiro volume. Assim, este intervalo está baseado na primeira edição do segundo volume, publicada em 1944.

em *aritmética*, *álgebra* e *geometria*, o segundo ano em *álgebra*, *geometria* e *trigonometria* e, o terceiro em *álgebra*, *geometria* e *geometria analítica*. Cada uma dessas partes foi produzida por um dos autores.

Quanto às questões relativas aos aspectos editoriais relacionados com o texto de conteúdo, os livros apresentam um corpo de texto pouco variável, caracterizado por uma leitura simples que transcorre sem interrupções diretas no conteúdo. Não possui observações, paralizações ou admoestações pré-programadas com a utilização de caixa menor dentro do corpo do texto. As interrupções indiretas ocorrem com bastante frequência e estão caracterizadas na figura das notas de rodapé, de acordo com a singularidade do conteúdo com que se correlacionam.

A maioria das notas de rodapé é composta por conteúdo breve, servindo de auxílio direto às teorias e explicações apresentadas no corpo do texto. São notas complementares seja no que diz respeito ao conteúdo matemático explicitado, seja referente a um adendo comum de interesse disperso. Por outro lado, há um grupo de notas que possui atributos de interatividade entre leitor e receptor. Essas notas além de acrescentarem informações simples e breves ao conteúdo contemplam também algum tipo de diálogo. Considerando nossa interpretação, podemos dar significado a tais aditivos como segue.

As notas relacionadas aos conteúdos

Em grande quantidade, encontram-se as notas de rodapé sobre os conteúdos. Este conjunto se caracteriza por informações complementares a um determinado tópico. São apresentadas acepções de termos específicos ou associados aos conceitos, definições, explicações sobre notação, descrições sobre procedimentos e notas com informações básicas. Observa-se que esta maneira de complemento não difere da ideia mais comum de uma nota de rodapé, como um “sistema por certo mais cômodo para o leitor, de vez que lhe permite visualizar o texto e seu aditamento de um só golpe” (Araújo, 2008, p. 98), por vezes com “dados que vêm facilitar a compreensão do texto” (Faria & Pericão, 2008, p. 517).

As notas históricas

As *notas históricas*, ao contrário das notas de referências bibliográficas citadas a seguir, já fazem parte das estratégias dos autores de livros didáticos no Brasil, ao menos, a partir do final da década de 1920, especialmente a partir das orientações específicas para a

matemática na reforma Campos. As notas históricas presente na coleção analisada apresentam informações sobre a “origem” de alguns tópicos ou conceitos, referências às notações, breves explicações biográficas e indicações de textos considerados pelos autores como referência, como por exemplo, os *Elementos* de Euclides. Como na análise de Miguel e Miorim (2004) sobre o livro de Cecíl Thiré e Mello e Souza, as notas históricas da coleção aqui analisada se apresentam “como um elemento complementar ao trabalho realizado sobre o tema” (p.18).

Compreendemos, assim, as notas históricas como uma ferramenta de ambientação, como formuladoras de um espaço imaginativo, onde os leitores se comunicam de maneira mais fácil com os conteúdos que estão sendo apresentados a partir dessa memória reconstruída propositalmente.

As notas de referências bibliográficas

Apresentar uma lista de referências bibliográficas não é uma prática comum dos autores de livros didáticos no Brasil, ao menos, até o final da década de 1950, em especial, as coleções cujas edições remontam a década de 1930. Assim, tão importante para a compreensão desse sistema é a presença das notificações relacionadas às referências bibliográficas. Tais notas nos indicam, como conjunto, um ponto importante sobre a argumentação e interpretação central desta pesquisa: são as notas de referência às principais responsáveis pela validação do caráter erudito e confiável da obra.

Para a maioria dos leitores, as notas de rodapé exercem um papel diferente. Em uma sociedade moderna, impessoal, na qual os indivíduos precisam, para a maioria dos ofícios, confiar em outros dos quais nada sabem, as credenciais fazem o que a recomendação pessoal costuma fazer: elas dão legitimidade. (Grafton, 1998, p. 19)

A partir da transcrição constante do conhecimento externo sob a forma de nota de rodapé os autores transmitem aos leitores o sentimento de confiança na efetividade do conteúdo apresentado pela obra.

As notas para uso da coleção

Tão importantes quanto às notas de referências bibliográficas são as notas pra uso da coleção. Ao longo dos volumes encontram-se notas com indicações que associam determinadas partes da coleção. Certamente estas indicações são ferramentas essenciais

para a manutenção de uma *unidade*, mesmo sendo cada uma das partes da coleção declaradamente produzidas de maneira individual. Por outro lado, para o leitor, estas notas representam uma tentativa de articulação e orientação de leituras, isto quando associado a uma parte ou capítulo específico, já apresentado anteriormente.

AS PARTICULARIDADES DE UTILIZAÇÃO DAS NOTAS PELOS AUTORES

É importante retomar a informação de que a coleção se divide em partes produzidas individualmente. A partir de então é possível também identificar características próprias de cada um dos autores na inserção das notas de rodapé.

Começaremos por Cesar Dacorso Netto, responsável pela maior utilização de notas de rodapé em comparação com os outros coautores da coleção. Netto se utiliza desta ferramenta duzentas e vinte seis vezes. A empregabilidade dessas notas segue evidentemente uma relação entre referências bibliográficas e a perspectiva histórica. O resultado dessa tática é uma contínua prática de apropriação dos efeitos das notas que se incorporam e moldam a visão do leitor sobre o conteúdo apresentado pelo autor. A partir do ato de referenciar frequentemente autores, principalmente àqueles identificados enquanto matemáticos “consagrados”, Netto apodera-se deles no âmbito da confiabilidade científica, transformando-a em qualificação própria. Deposita assim parte da intelectualidade alheia nos trechos que propriamente escreve, e principalmente, legitima a coleção como um todo a serviço da excelência editorial e mercadológica.

Roberto Peixoto foi responsável por escrever duas das nove partes ao longo dos três livros da coleção e é o autor que menos se utilizou das notas de rodapé. Ele faz uso de uma estratégia interessante: em alguns momentos as notas de rodapé se referem a seus próprios livros, mais especificamente na parte que lhe coube escrever no volume da terceira série. Esta relação se dá exatamente pela produção deste autor de livros didáticos temáticos associados, em especial, ao curso complementar implantado pela reforma Campos. Por outro lado, ainda que não tenha se utilizado em larga quantidade do mecanismo das notas de rodapé, Peixoto se destaca por um viés exclusivo no decorrer do desenvolvimento da coleção a partir de uma escrita mais explicativa, focada no texto corrido, responsável por nortear as atenções diretamente ao conteúdo.

Seguindo com a análise acerca da produção dos autores e sua relação com as notas de rodapé, temos Euclides Roxo, único autor a escrever nos três livros da coleção a parte referente à geometria. Roxo possui claramente uma forma distinta de utilização das notas de rodapé. O foco de caracterização das notas apresentadas por Roxo se dá a partir das referências internas e de uso do livro. Roxo escreve noventa notas de rodapé durante toda a coleção e a maioria delas são notas de referência ao próprio trabalho de geometria na coleção ou indicações da coleção *Matemática Ginásial*, com Cecil Thiré e Mello e Souza. Em ambos os casos, tais notas promovem um mesmo processo cíclico de credibilidade a partir da promoção individual. Não por uma suposta relação de dependência e complementaridade específica de elementos ausentes na coleção, mas sim de sentimento de confiança estabelecido via publicações já “consagradas” no mercado editorial.

Último personagem da análise e reflexão sobre a relação entre as notas e as características particulares é Haroldo Lisbôa da Cunha. As notas encontradas nas unidades escritas por ele representam uma total heterogeneidade de características. Nelas estão contidos todos os tipos de notas exemplificadas e apresentadas aqui anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] mais ainda do que o prefácio, as notas podem ser, em termo de estatuto, de leitura facultativa e endereçar-se, por conseguinte, apenas a alguns leitores: aqueles a quem possa interessar determinada consideração complementar ou digressiva, cujo caráter acessório justifica exatamente a colocação em nota. (GENETTE, 2009, p. 285)

A coleção *Matemática – 2º ciclo* possui características particulares. Considerada como *coleção*, certamente sua confecção não está baseada nesse conceito. Observa-se, claramente, uma coleção resultante da união de parte e não da comunhão de textos. Dessa maneira, foi possível analisar as notas de rodapé interpretando a coleção como um conjunto, uma unidade, e ao mesmo tempo as especificidades de cada um dos signatários.

Assim, compreender as funções das notas na sua particularidade é fundamental para as reflexões sobre os efeitos que o conjunto dessas mesmas notas pode exercer na construção coesa e sólida de um imaginário de confiabilidade informativa entre autor e leitor. No caso particular dos quatro autores as notas revelam a preocupação com a

erudição e a manutenção da *unidade*. Por outro lado, tais notas também revelam características próprias de cada um deles, como por exemplo, a autopromoção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrade, M.M. (2012). *Ensaio sobre o ensino em geral e o de matemática em particular, de Lacroix: análise de uma forma simbólica à luz do referencial metodológico da hermenêutica de profundidade*. Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, Brasil.

Anônimo (1942). O problema do livro didático: complicações que surgem. *A cruz*. 3 de maio.

Araújo, E. (2008). *A construção do livro: princípios e técnicas de editoração*. (2a ed). São Paulo: Editora da UNESP.

Bertaso, J.O. (2012). *A Globo da rua da Praia*. (2ª ed.). São Paulo: Globo.

Dassie, B. A. (2001). *A Matemática do curso secundário na Reforma Gustavo Capanema*. Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Dassie, B.A. (2011). Paratextos editoriais e História da Educação Matemática: uma leitura de livros didáticos. In *Actas do I Congresso Ibero-Americano de História da Educação Matemática*. p.188-196.

Dassie, B.A.; Baptista, W.L.B. (2014). Orientar para usar o livro didático e usar o livro didático para orientar: uma análise do “sistema de notas” de Jácomo Stávale. In A.V.M Garnica & M.E.M. Salandim (Orgs.). *Livros, leis, leituras e leitores: exercícios de interpretação para a história da educação matemática*. Curitiba: Appris.

Faria, M.I.; Pericão, M.D. (2008). *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: EDUSP.

Genette, G. (2009) *Paratextos editoriais*. (A. Faleiros, Trad.). Cotia: Ateliê Editorial. (Obra original publicada em 1987).

Gomes, M.L.M. (2008). História da matemática e positivismo nos livros didáticos de Aarão Reis. *Revista Brasileira de História Da Educação*, nº 18, set./dez. 2008, p. 69-94.

Grafton, A. (1998). *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé*. (E.A. Dobránsky, Trad.). Campinas: Papirus.

Micelli, S. (2001). *Intelectuais a brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras.

Miguel, A.; Miorim, M.A. (2004). *História na educação matemática: propostas e desafios*. Belo Horizonte: Autêntica.

Monteiro, R. (2013). *Euclid and His Modern Rivals (1879), de Lewis Carroll: Tradução e Crítica*. Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, Brasil.

Silva, T.T.P. (2013). *Os movimentos matemática moderna: compreensões e perspectivas a partir da análise da obra “Matemática – curso ginásial” do SMSG*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, Brasil